

Direitos e Saberes Feministas em Tempos de Pandemia



Arsenal Poético

Luciana Melo

FUNDAÇÃO
**ROSA
LUXEMBURGO**
BRASIL E PARAGUAI

coletiva
diálogos feministas

CURSO DE EXTENSÃO
DIREITOS E SABERES FEMINISTAS EM TEMPOS DE
PANDEMIA

ARSENAL POÉTICO

LUCIANA MELO (ORG)

BRASIL, JULHO-AGOSTO/2021



Licenciatura em
Educação do
Campo - UFRRJ





em tempo de pandemia: o que fazer?

ficar

Em casa, mas

ENCONTRE-SE

**PARA RENOVAR
AS ENERGIAS**

HORA DE REVER

Consumo

indiferença intolerância
cultura de morte

CREENÇAS INDIVIDUAIS

pensar **UM OUTRO OLHAR**

sobre **NOSSAS RELAÇÕES**

pois **VALE MAIS**

a **VIDA IRMANDADE** solidariedade esperança

Humanidade

UM

mundo melhor.

Reforce a sua imunidade!

CULTIVAR AFETOS, DERROTAR A VIOLENCIA!

ARTE POR: LUCIANA MELO

Como manter a mente sa?
COMO SERÁ O AMANHÃ?

Este material é parte integrante do Curso de extensão Direitos e saberes feministas, realizado em julho e agosto de 2021 e recopila as intervenções político-artísticas realizadas por Luciana Melo. Luciana, ao preparar as intervenções, analisou e trabalhou sobre as temáticas de cada uma das sessões do curso e a também trajetória das mulheres que participaram das atividades.

FICHA TÉCNICA

Organização Geral
Luciana Melo

PROJETO GRÁFICO
Ana Carolina Tavares da Rocha
Guilherme Vasconcelos Ferreira

FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO
rosalux.org.br

COLETIVA DIÁLOGOS FEMINISTAS
[@coletivadialogosfeministas](https://www.twitter.com/coletivadialogosfeministas)

Brasil, Julho-Agosto-2021

Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é de responsabilidade exclusiva dos organizadores e não representa, necessariamente, a posição da FRL.
Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença Creative Commons de Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas (BY-NC-ND)



**"ÁGUAS
PARA VIDA
NÃO PARA
AMORTE!"**

SUMÁRIO

Sessão II: Mulheres, raça e classe em tempos de pandemia	7
Sessão III: Saúde em tempos de pandemia	13
Sessão V: Crise do Cuidado	20
Sessão VI: Feminicídio, transfeminicídio e direitos de pessoas LGBTQIA+	25
Sessão VII: Conflitos ambientais e violência no campo	33
Sessão VIII: Raça, racismo e branquitude	39
Sessão IX: Pesquisas, ações e saberes	44

Sessão II:
Mulheres, Raça e Classe em tempos de pandemia



CANTO DAS TRÊS RAÇAS

*Mauro Duarte
Paulo Pinheiro*

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativeiro
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor
Ô, ô, ô, ô, ô
E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor



PORQUE CANTAMOS

Mário Benedetti

Se cada hora vem com sua morte
se o tempo é um covil de ladrões
os ares já não são tão bons ares
e a vida é nada mais que um alvo móvel

você perguntará por que cantamos

se nossos bravos ficam sem abraço
a pátria está morrendo de tristeza
e o coração do homem se fez cacos
antes mesmo de explodir a vergonha

você perguntará por que cantamos

se estamos longe como um horizonte
se lá ficaram as árvores e céu
se cada noite é sempre alguma ausência
e cada despertar um desencontro

você perguntará por que cantamos

cantamos porque o rio esta soando
e quando soa o rio / soa o rio
cantamos porque o cruel não tem nome
embora tenha nome seu destino

cantamos pela infância e porque tudo
e porque algum futuro e porque o povo
cantamos porque os sobreviventes
e nossos mortos querem que cantemos
cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente

e porque venceremos a derrota

cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e lá no fruto
cada pergunta tem a sua resposta

cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas



Sessão III:
Saúde em tempos de pandemia



CHÁ PARA TODAS AS DORES

Curso Mulheres e Mega Projetos

modo de preparo
abra a porta do quintal e desça até o jardim.
Deixe que as folhas guiem seus passos.
Hoje é sábado, ou seja, pode ser dia de curar-se com Hortelã ou Alecrim.
Aqueça as mãos
Elas são curativas
Peca licença as mais velhas.
Em seguida, realize a coleta, sem desperdício.
Com água já aquecida no fogão
Mentalize beijos de saudade e abraços que acalmam
Escola um par de xícaras na cristaleira
Lave a louça com cuidado.



TANTO MAR

Chico Buarque

Foi bonita a festa, pá
Fiquei contente
Ainda guardo renitente
Um velho cravo para mim
Já murcharam tua festa, pá
Mas certamente
Esqueceram uma semente
Em algum canto de jardim
Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei também quanto é preciso, pá
Navegar, navegar
Canta a primavera, pá
Cá estou carente
Manda novamente
Algum cheirinho de alecrim
Canta a primavera, pá
Cá estou carente
Manda novamente
Algum cheirinho de alecrim



POVO DE LUTA

CANÇÃO PARA A HUMANIDADE

Jorge Luis Ribeiro

Olha o quintal
Uma nova flor que se abriu
Uma semente ou um inseto voou
O céu prepara vento, será que chove?
Seguiremos de mãos dadas ao coração na azul
distância,
Que pode nos aproximar
Seremos irmãos pelas ruas vazias pois as-
sim é o jeito de amar o outro
Uma xícara de café com pão ao gari que
inadiável passa invisível
A todos que mantém-nos alimentados e sãos
Daremos aos obscuros transeuntes de poder
que desprezam,
Ignoram a vida, que leiloam a morte pela
arrogância, mentira e lucros inadiáveis,
Nossa resposta de cuidado
Nossos laços estreitos e inquebráveis de
estarmos do lado da vida
No campeio solidário dos gestos
No estendimento de nós nos outros
Cuido da humanidade quando estendo meu cui-
dado de mim a todos
Na comunidade que pode ser humana e comu-
nidade
De comum unidade
De compartilhar as sementes da esperança
Talvez nasceremos diferentes depois da tor-
menta
Na nossa casa comum dos afetos
Estes que estão do lado da morte passarão
Nós reafirmaremos nossa imunidade à ganâ-
cia, obscuridade e maldade

A vida não tem idade
A luta não tem grade
E mesmo em tempo doente
O espírito respira liberdade...

Sessão V: Crise do Cuidado



Tava durumindo, Cangoma me
chamou
Tava durumindo, Cangoma me
chamou
Disse: levanta povo,
cativeiro já acabou
Disse: levanta povo,
cativeiro já acabou

Clementina de Jesus



A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES

Mário Benedetti

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
onde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembraiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede



CANTO II

Clementina de Jesus

Muriquinho piquinino, muriquinho piquinino,
Parente de quiçamba na cacunda.

Purugunta aonde vai, purugunta aonde vai,
Ô parente, pro quilombo do dumbá.

Sessão VI:
Feminicídio, transfeminicídio e direitos de
pessoas LGBTQIA+



**CANÇÃO DA MULHER LATINO
AMERICANA**
Mário Benedetti

Descreve do jeito que bem entender
Descreve seu moço
Porém não se esqueça de acrescentar
Que eu também sei amar
Que eu também sei lutar
Que eu também sei
Que meu nome é Mulher
[...]



Luciana Melo

Quando minha mãe abre a boca para conversar durante o jantar meu pai enfa a palavra silencio nos seus lábios e diz que ela nunca deve falar com a boca cheia.

Foi assim que as mulheres da minha família aprenderam a viver com a boca fechada.

“Terezinha, você está imprestável!”

“Terezinha, você está tan tan!

A pimenta que arde na boca de quem odeia, despreza, ofende, xinga, explora, ignora. Risos que afundam a existência de quem carrega o peso do dia a dia.

Banquete de horrores, gordura, açúcar e veneno.



“DESTINO DE MARIA
É SER MARIA DE LUTA!”

UM POEMA PARA MARIA

Ingrid Maria

Andava na rua
debaixo do sol
vi Maria
trabalhava empurrando
um carro de mão
com garrafas de plástico
seu rosto
rasgado
pelo
tempo
dizia tudo.
que destino é esse
que PALAVRA é essa
que destino tem Maria que
trabalha
trabalha
trabalha
e não tem destino certo
se tem pão na mesa, ou não
se morre amanhã, com bala perdida
se morre com cova certa
ou indigente
se morre na fila de hospital

PÚBLICO

sem convênio privado
se o traste que mora em casa lhe dá um tapa
um soco
um murro na cara
pra onde vai

PRA ONDE VAI

pra onde vamos

uma casa de passagem?
uma tia, uma vizinha?
ou não!
fica aguentando
aguentando
até vir outro murro

que destino que tem a minha gente?

cadê claudia

cadê jacira

C-A-D-Ê

e essas Marias que cá estão

pobres
aborteiras
e putas

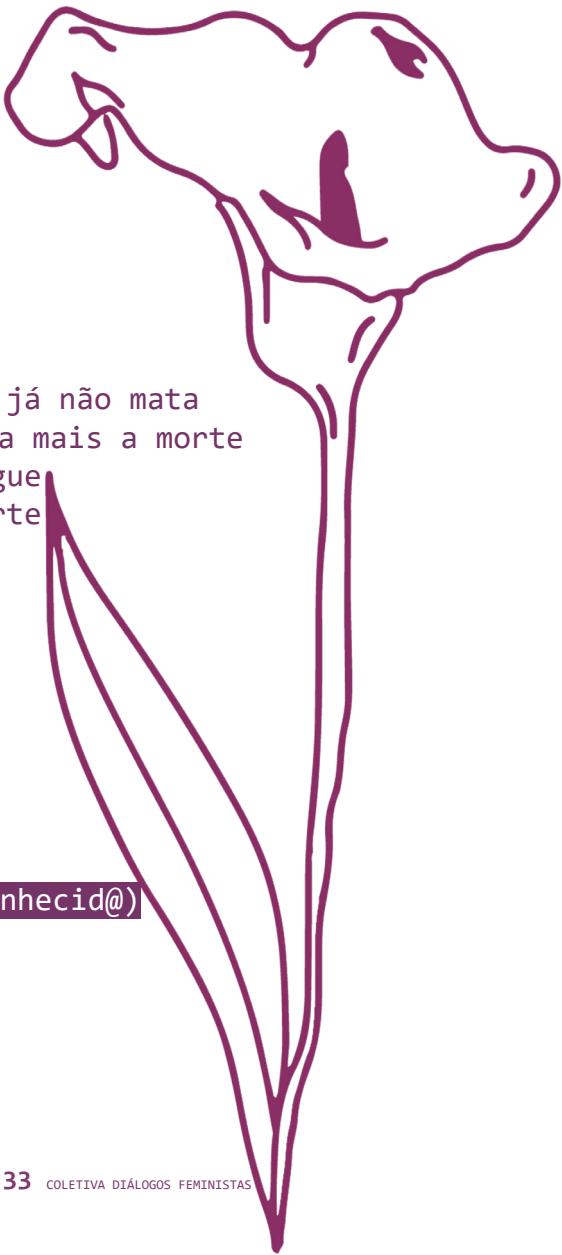
destino de Maria é ser
Maria de luta!

ah quando essas Marias todas se ajuntar
sapatão, trans, viadas
pretas
brancas
vermelhas
amarelas
e todas outras coloridas da mesma classe!

punhos erguidos
pedras e sonhos nas mãos
seremos todas
MARIAS DA REVOLUÇÃO!

Ei, ei, ei, ei, ei...
Ao longo dos anos me transformei
Fui santa, fui bruxa, fui outa
E não me calei
(Rede Magdalenas – Teatro da Oprimida)

Sessão VII:
Conflitos ambientais e violência no campo



A morte já não mata
Já não mata mais a morte
O chão regado a sangue
A flor nasce mais forte

(Autor/a desconhecid@)





**“O LUCRO NÃO
VALE A VIDA”**

APRENDER A SER ATINGIDO

Angélica Peixoto

Tarefa difícil a minha, tarefa difícil a nossa: aprender a ser atingidos.

Como assim?

Precisamos nos comportar como atingidos
Tem comportamento próprio para atingidos?
Não sei.

Sei que precisamos aprender a viver/convidar com essa realidade.

Realidade que me faz pensar em direitos, reuniões, assembleias, acordos, fundação, reconstrução, reassentamento...

Conceitos que me deixam confusa.

Confusão que dificulta a apreensão de palavras simples como: pedir, exigir, negociar, lutar, certo, errado.

Choro por isso. Me sinto atingido por não saber ser atingido.

Perdi lá objetos afetivos, sentimento de pertencimento, acolhimento, conquistas.

Não sei como atingida contabilizar minhas perdas ou o que ainda posso perder.

Como calcular a extensão de tudo o que aconteceu?

A lama de rejeito nos atingiu, e junto com ela, veio morte, ganância, preconceito, discórdia, medo...

Medo do futuro

Medo de não reconhecer a nova Paracatu

Medo de não conhecer a nova Paracatu

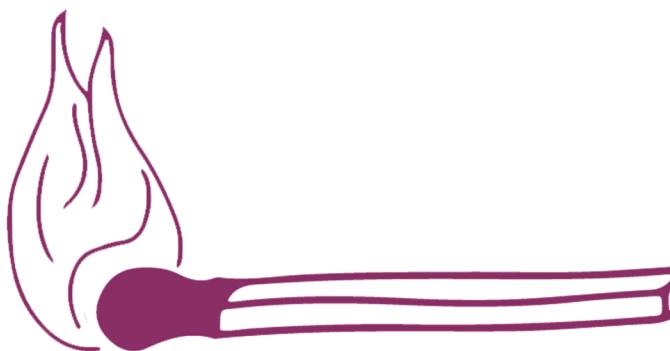
Medo de perder amigos no caminho

Medo de sentir medo

Tem curso pra aprender a ser atingido?

Não, mas o tempo vai ensinando
Nesse processo de reflexão percebo, compre-
endo e aceito que não há um modelo.
Nem é externo a mim.
Vou aprender, sendo que sou: atingida pela
barragem do fundão.
É necessário assumir o lugar de protagonis-
ta de sujeito de direitos. Mas não sozinha
e sim com minha gente, gente que sente e
passa pelo mesmo conflito.
Vou aprender, pois estou no caminho.

Terra meu corpo
Água meu sangue
Vento meu alento
Fogo meu coração

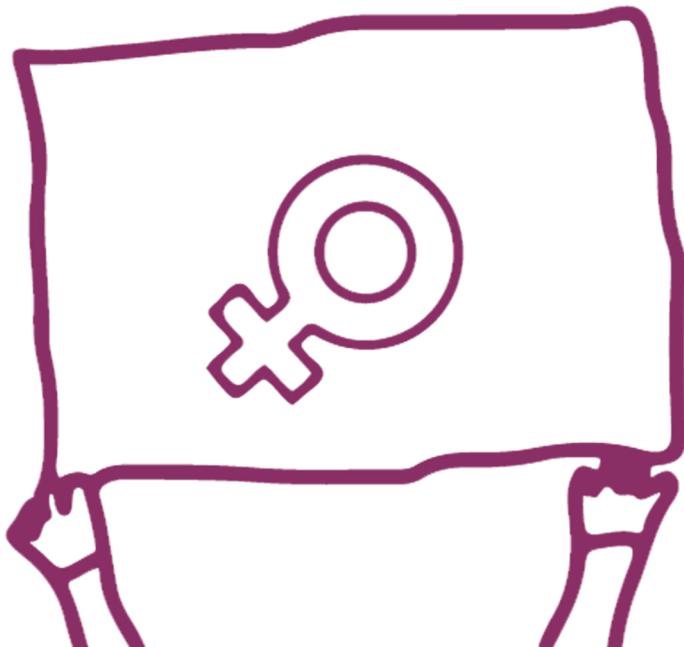


Autor/a desconhecid@

Sessão VIII: Raça, racismo e branquitude

Vim no balanço do mar lá de Angola
Vim no balanço do mar lá da Guiné
Vim no balanço do mar de Moçambique
Só quem veio sabe como é
[...]

Autor/a desconhecid@





VOZES-MULHERES

Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem - o hoje - o agora.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.



Na Lagoa do Abaete
Encontrei Dona Sinha
Tava lavando o abada
Ora meu Deus, pra dança no Candomblé
Ela joga capoeira
também joga capoeira.
Todos sabem como é
joga homem e menino
e também joga mulher. [...]
Sou mulher, Eu sou Maria
Capoeira de valor
Doze homens me chamavam,
Ora meu Deus
E melhor saber quem sou, camara.
Agua de beber
Goma de engomar
Ferro de passar
Ferro de furar
Aço de matar
E é a capoeira
Eu sou mandigueira...

Mestra Suelly



Sessão IX:
Pesquisa, ações e Saberes

Touro e cavalo bravo não se amança
Eu não tenho medo
Fui saindo
lá da mata
com a minha benção hoje cedo



Ponto de Boiadeiro



DESVIO ATLÂNTICO

Dolorianas

Olhando para a mata
eu vejo a mata de dentro de mim
uma trilha, um tiro,
uma picada, um caminho,
um desvio atlântico sul
Nas areias do meu seio de amamentar
garças e urubus
sobrevoando eu e minha mata.
Embrenhando no mato
calor e umidade
sigo
Pés afundados no mangue,
cabeça no topo dos guapururus
raízes como veias
correndo por dentro da terra
onde passam vidas
de onde nascem as flores.



O VOO DA GARÇA

Dolorianas

Dedico a minha vida
A voar
Não pras horas
Não pras datas
Muito menos
Pros negócios
Mas ao céu e ao vento que varre mundos.
Minha pele que se molda com o tempo,
Minhas dores em movimentos ósseos,
Meus filhos brincam de formar imagens ines-
quecíveis,
Entre os dias
Borboletas me fogem pelo portão

Dedico minha vida
Ao mar
Não para as ondas
Não pros pescadores
Muito menos
Oras embarcações.
Mas às águas, aos mares do mundo.
Fina chuva que cai de en'costas largas
Meu olhar por vezes ri molhado
Meu mar saliva, espuma e baba entre os anos
A agua foge pelos dedos
Dedico minha vida
À terra
Não praz fazendas
Pros territórios
Pros asfaltos
Mas ao chão, ao grão
Lugarejos descalços caminham
Sem pés

Dobram-se joelhos ao coração por fim
A terra nos abraça
Mas como diz o poeta
O impulso do voo
Ainda está no chão.



JARDIM DA FANTASIA

Paulinho Pedra Azul

Bem te vi, bem te vi
Andar por um jardim em flor
Chamando os bichos de amor
Tua boca pingava mel
Bem te quis, bem te quis
E ainda quero muito mais
Maior que a imensidão da paz
Bem maior que o sol
Onde estás?
Voei por este céu azul
Andei estradas do além
Onde estará meu bem?
Onde estás?
Nas nuvens ou na insensatez
Me beiже só mais uma vez
Depois volte prá lá
Bem te vi, bem te vi
Andar por um jardim em flor
Chamando os bichos de amor
Tua boca pingava mel
Bem te quis, bem te quis
E ainda quero muito mais
Maior que a imensidão da paz
Bem maior que o sol

Onde estás?

Voei por este céu azul
Andei estradas do além
Onde estará meu bem?
Onde estás?

Nas nuvens ou na insensatez
Me beiже só mais uma vez
Depois volte prá lá





DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO
AGRICULTURA E SOCIEDADE



Programa de Pós-Graduação de
Ciências Sociais em Desenvolvimento
Agrícola e Sociedade | UFRJ



INSTITUTO DE
Ciências
Humanas e Sociais

Licenciatura em
Educação do
Campo - UFRJ

